



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL



Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa

ANO VII - Nº. 71

Arcanjo da Estação Verão: URIEL

Fevereiro 2009

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

Cartas Rosa-Cruz INRI

Os símbolos são “camadas sedimentares” na geologia do espírito, e formam os “degraus” na escada mística construída desde os primórdios dos tempos, e que há de se completar nos extremos da eternidade. Marcam a linha divisória entre o descoberto e o desconhecido, do qual partem os peregrinos para as conquistas do imortal e santo espírito investigador. O Universo é um símbolo contendo inúmeros símbolos; símbolo é o homem, a vida, a criação, e em cada espécie criada há um símbolo a decifrar.

Os ancestrais legaram ao presente as suas investigações emblema das por símbolos e a geração contemporânea, olhando o passado e clareando o futuro, legará especulações simbolicamente condensadas, para que os vindouros, que hão de substituir-nos na Rota, prossigam a obra até completá-la no infinito “do espaço e do tempo”

INRI recebeu batismo filosófico de alta e profunda transcendência, com tamanha unção e Sabedoria, que se tornou símbolo por excelência com expressões equivalentes ao Hexagrama ou a Rosa florindo sobre a Cruz. Estes seguem rumos diferentes nos modos de facultar a realização dos

princípios essenciais, e aquele, concebendo o Divino como fonte suprema, vai diretamente a Criação do Universo integrando-se na Humanidade como manifestação à semelhança do Criador.

Na velha antiguidade exprimiu o que inspira nos tempos modernos, sem que as diversas escolas filosóficas pudessem modificá-lo essencial ou substancialmente.

As conquistas da ciência, manifestadas pelo gênio humano nos campos da sua atividade criadora, apoiaram-se invariavelmente na “chave misteriosa” que encerra os ensinamentos dos Rosa-Cruzes, simbolicamente condensados nas quatro letras reunidas na formação do símbolo INRI. Cada letra contém essências particulares unificadas na expressão máxima encerrando o “espírito penetrante e vivificador”, que se manifesta nas elaborações e transformações da Natureza, no seu duplo aspecto interior e exterior.

As poesias Rúnicas conservadas nos Eddas, essas veneráveis e sagradas escrituras das Celtas nossos avós, constituem o traço de união do presente com as fontes do remoto passado, em que se começou iluminando o caminho percorrido pelos Rosa-Cruzes, e cuja iluminação continua a guiá-los na estrada do presente rumando ao futuro.

Simbolizando todos os poderes manifestados, a vogal I é imagem do homem ereto apoiado na terra, de cabeça levantada por aspirações ideais, que o mantém aprumado em direção ao manancial infinito animando as maravilhosas transformações

operadas pela Natureza. Representa a mão humana apontando com o indicador o ponto inenarrável donde provém a vida, ou indicando, no oposto, o mistério insondável dessa força vivificadora penetrando até as profundezas da terra. É o signo da manifestação potencial expressa em Luz, Amor, Vida, Liberdade e triunfo. Luz fecundante do ideal criador, Amor que germina e corporifica, vida animando às espécies criadas, Liberdade alcançável pelo sacrifício redentor e Triunfo sobre debilidades vencidas pelo ser vivente.

A consoante **N** encerra a Humanidade na escalada do Calvário da vida, para transformá-lo em Tambor na morte.

Exprime a intermináveis sucessões multiplicando-se em variedade e quantidade, e norteadas por inspirações inatas acalorando o ideal comum de Perfeição.

Na sílaba **IN** completa-se o signo da manifestação individualizada, da qual se desenvolvem as idéias relativas a existência e ao sentimento de um centro determinado (Deus) num ponto interior (ego) e superiormente concebido (divino).

Jesus crucificado traduz a realização interior de **IN**, na viva exemplificação dos supremos ideais na Redenção humana.

A Rosa e a Cruz formam constelações de facetas redentoras mostrando ao “florescimento” alcançado pela ascensão espiritual.

A letra **R** demonstra os movimentos, a marcha e as tendências inspiradas em belezas divinas, e traduz o pensamento fixamente voltado ao caminho ascensional da Verdade. Como signo exprime os atos bons e maus, dos quais resulta imperiosa renovação e regeneração das espécies, governadas e dirigidas pelas leis da evolução ascendente. Imagem do passado de frontando o futuro, indica no presente o porvir retilíneo em oposição ao pretérito, do qual restam a experiência e os ensinamentos legados pelos beneméritos ressuscitados na imortalidade das suas obras.

Reunidos **R** e **I**, surge o símbolo da Humanidade individualista e coletiva, nas condições atuais do progresso e civiliza-

ção que a tem notabilizado.

No desdobramento do símbolo, a segunda sílaba corresponde ao triângulo inferior do Hexagrama, enquanto que a primeira reporta-se ao superior.

A primeira letra refere-se ao ser divinizado para quem floriram as Rosas; a segunda é o caminho percorrido pela primeira expurgando vícios e paixões e que depois de se ter libertado das contingências materiais e humanas, alcançou-se ao centro da Cruz onde florescem as Rosas; a terceira é o ser vivente entregue o lapidário encarregado de expurgá-lo das escórias; a quarta exprime o homem absorvido na materialidade, cego tendo vista e surdo com audição, cujos sentidos permanecem embotados a espera que os despertem.

INRI não se pronúncia, nem se comunica... estuda-se, investiga-se, medita-se. As quatro letras contêm muitas e várias expressões litúrgicas e outras mais de ordem esotérica. Nas antigas e modernas Iniciações correspondem aos elementos purificadores, FOGO, AR, ÁGUA e TERRA, simbolicamente adotados nas cerimônias iniciáticas.

1 - Igne natura regeneratur integra, 2 - Igne natura renovatur integra, 3 - Igne nitrum roris invenitur.

São as sùmulas expressivas adotadas pelas Fraternidades “Rosa-Cruz” e a sua Justeza está plenamente conforme com os fundamentos essenciais do símbolo em si mesmo ou particularizado.

Os Rosa-cruzes filosóficos, grupo que existiram em princípios do século XVII, tomando por base o centro e o fim, interpretaram o símbolo por “Índia, Natureza, Regeneração e Ignorância”.

Queriam dizer que o desenvolvimento central da Sabedoria, cujo centro irradiador é o Tibet. (Índia), prepara o mundo difundindo conhecimentos e ciência (Natureza), para operar atividades através da evolução humana (Regeneração), e combater tenaz e sabiamente as trevas que povoam a Humanidade (Ignorância).

É evidente o engenhoso enredo interpretativo da formosa adaptação, que embora

exprima modos de ação dos Rosa-Cruzes nos meios sociais em que atuam, apenas sugere os fundamentos ocultos do símbolo e aplicação na vida prática.

Formando na ala dos que concebem o Cristo como símbolo da Perfeição Humana, também concebemos o INRI do Calvário no duplo simbolismo interior e exterior; o **primeiro** reservado aos que vêem no Cristo a essência divina encarnada no homem, na qual comungam com sentimento, palavras e obras; a **segunda** para os aferados a preconceitos mundanos, a erros, vícios e paixões, o adoram sem compreendê-lo na redenção da vida humana “gemendo e andando neste vale de lágrimas”, ali superadas, culminando na Perfeição alcançável pela Humanidade.

A inscrição “ Jesus Nazareno Rei dos Judeus” encerra expressões que começam na maldade para terminarem no transcendental Divino.

Jesus Nazareno superficialmente, designa um nome e uma naturalidade; o “Rei dos Judeus” é o escárnio atirado ao mártir em holocausto de seus Ideais Redentores, e assemelha-se a maledicência e a ingratidão retribuindo benefícios recebidos dos grandes beneméritos.

Interiormente encerra as doutrina dos Rosa-Cruzes evidenciadas no Triunfo sobre debilidades e fraquezas peculiares ao gênero humano.

Realizou no íntimo os mistérios do INRI completando-os ao morrer para renascer, e assim patentear as transformações da Natureza visível e invisível, ali simbolizada na Mater Dolorosa.

As ruas das marguras percorridas pelo Cristo açoitado pelos verdugos, correspondem ao que sofrem os homens escalando a vida, ou a “Roseira” para elevarem-se aos páramos em que “florescem as Rosas...”

No simbolismo das espécies que culminaram em suprema beleza, entre o Cristo e a Rosa não há diferença essencial. Um e outro são “Rei e Rainha” formando justo paralelo simbólico porque ambos evoluíram voltados ao BELO IDEAL sob as mis-

teriosas inspirações do INRI.

Equilibrando os opostos contidos na inscrição profanamente infamante, os Rosa-Cruzes unificam “bem-dizendo aos que os amam e os compreendem”, sem abandonar nem omitir “as bênçãos para que os odeiam”, e nesse simultâneo e concomitante bendizer inimigos e amigos, alcançaram-se à sublimidade do “perdão implorado na Cruz para os algozes na ignorância”.

INRI encerra a lei eterna, a lei imutável, a lei inconfundível e insubstituível.

Nele encontramos a Luz de todas as ciências, ideal de todas as artes, alívio de toda as dores, esperança de todas as almas; farol esplendoroso que se alevanta sobre os escolhos do mundo, bálsamo celeste que suaviza as asperezas da vida, fortaleza poderosa em meio de nossas lutas; aspirações ascendentes ao infinito e inspirações descendentes do infinito ao limitado; língua de fogo que dirige o espírito divino ao contingente, e espiral de incenso que dirige o espírito humano ao absoluto; infrangível e elétrico liame que nos recinge e nos comove desde a raiz do sentimento até à cúspide da inteligência, é a eterna Verdade, a eterna Beleza, e eterno bem da Humanidade, disse o consagrado orador.

Não há ensinamentos mais transcendentes nem mais profundo do que os dos mistérios que encerra, prática mais solutar que a das suas revelações e glória mais elevada do que a oferecida pela sua aplicação.

Suprimindo essencialmente, com ele desapareceria a FÉ que empolga os supremos ideais no caminho da Luz, e o planeta que habitamos seria um deserto sempiterno por um abismo insondável.

Nascemos? INRI se apresenta na esplendorosa manifestação da Luz nos alvores matinais da existência.

Crescemos? INRI cerca o berço da esperança no sacrosanto AMOR da maternidade.

Sentimos? INRI mostra avisadamente o fêl e amarguras necessário à redenção.

Pensamos? INRI abre horizontes ao pensamento levando-o às maravilhas que povoam o Universo, através do imenso, ao insondável...

Sofremos? INRI patenteia-se na Vida com o cadinho em que se depuram escórias.

Envelhecemos? INRI renova os seres na Liberdade que se aproxima após o domínio das paixões.

Morremos? Não. INRI eterniza os heróis na benemerência do TRIUNFO para ressuscitá-los imortais quando as Rosas florescem ...

B. R. C. Gnose novembro 1938

Pensamentos

Deus é a verdade mesma, e só a verdade em nós pode-se conhecer a verdade divina. Temos que alcançá-la e vive-la em nosso interior para chegarmos a conhecê-la. A verdade está fora do tempo, além do espaço. É luz misteriosa que atua em nós e, embora latente, pode ser acesa e se farão, então milagres com este poder luminoso.

Só pelo conhecimento do EU verdadeiro chega o homem ao conhecimento da verdade. Deus, como gerador e espírito universal, é a verdade generalizada. A verdade manifestada é o filho; o por isso o Espírito Santo é o conhecimento do EU divino em nós. O homem em seu envoltório físico é transitório, e só é eterna a verdade do verdadeiro Eu. A nossa chamada consciência e a nossa inteligência pertencem ao ego transitório que desaparece com o corpo físico. Tanto uma como a outra estão expostas a enganos; só é infalível a consciência superior, o conhecimento intuitivo do verdadeiro Eu. Em todos os seres existem uma chispa divina, e para nos comunicarmos com ela é preciso seguir certos métodos, cuja chave possuem os Rosa-Cruzes.

Não conheceis algumas parte da Bíblia que com isto tenha relação? Meditai sobre as palavras de São Paulo: “ Não saibéis que sois templos de Deus e que Ele mora em vós?” Vede que se trata de uma partícula do Onipotente, esta deve ter em si ilimitado poder criador, que lhe permita manifestar obras, tais como as que o mundo chama milagres, dos que Jesus de Nazaré realizou, como as que devemos todos manifestar conhecendo a chave, o mistério.

Quão claras resultam agora as palavras bíblicas: “Se tivésseis fé, como um grão de mostarda, movereis montanhas.” A fé, no entanto, é um poder que radica no conhecimento divino, a realização da nossa própria divindade.

Não é a fé, de modo algum, mera aceitação de crenças, nem de teorias religiosas alheias e acatadas como indiscutíveis, sob a fécula das quais, apenas, se movem as inteligências de milhões de criaturas. A fé não é isso, antes pelo contrário, é um poder, um poder semelhante a vontade, isto é, a própria vontade de fazer o bem. A vontade de tornar presente o Deus que mora em nosso interior. O homem pode tudo o que quer, quando o que quer é a justiça mesma.

No frontispício de antigo templo lia-se: “Nosce te ipsum”, isto é “conhece-te a ti mesmo”. O homem deve indagar tudo o que este princípio envolve, quer dizer, de onde viemos, o que somos e o que depois seremos. O homem, em sua complexidade, tudo contém, céu e inferno, Deus e Natureza, o mais ilimitado e o mais ínfimo, e só quando se conhece a si mesmo é que o homem pode compreender o que é a fé.

A iniciação é uma espada de dois gumes, aos puros e resolutos defende a dá vida; aos curiosos e impuros fere e destrói.

Rasmussen R + Gnose julho 1938